



A INFLUÊNCIA SOCIAL ENTRE IGUAIS COMO MEDIADORA DA RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS/SOBRENATURAIS¹

THE SOCIAL INFLUENCE AMONG EQUALS AS A MEDIATOR OF THE RELATIONSHIP BETWEEN RELIGIOUS/SUPERNATURAL BELIEFS AND EXPERIENCES

LA INFLUENCIA SOCIAL ENTRE IGUALES COMO MEDIADORA DE LA RELACIÓN ENTRE DE LAS CREENCIAS Y EXPERIENCIAS RELIGIOSAS/SOBRENATURALES

Leonardo Breno Martins*
Camila Chagas**
Wellington Zangari***
Vitor Somera****

RESUMO

A psicologia social tem estudado a influência das pessoas umas sobre as outras na formação e consolidação de crenças e experiências religiosas/sobrenaturais. Estudos experimentais podem examinar a influência de variáveis específicas nesse processo. Replicando e expandindo dois estudos britânicos, nosso estudo investigou os efeitos da sugestão verbal no testemunho e na atribuição de significado a um evento aparentemente sobrenatural. 187 voluntários adultos brasileiros foram submetidos a várias formas de sugestão verbal enquanto assistiam a um vídeo em que um falso paranormal simulava uma façanha sobrenatural. A memória sobre o vídeo, as crenças religiosas/sobrenaturais e a tendência à dissociação também foram investigadas. Os resultados incluem o impacto maior das influências horizontais (provenientes de um falso voluntário que assistiu ao vídeo com os voluntários reais) em detrimento das influências verticais (da figura de autoridade representada pelo falso paranormal) na memória e na formação de crenças religiosas/sobrenaturais sobre o vídeo. Crenças prévias tenderam a orientar a atribuição de causalidade sobre o conteúdo do vídeo. Implicações para a compreensão da formação e consolidação de crenças e experiências religiosas/sobrenaturais são discutidas, como a maior influência que os religiosos podem exercer entre si em comparação com a influência vinda de líderes religiosos.

Palavras-chave: Sugestão. Memória. Paranormalidade. Experiência anômala. Crenças.

¹ Trabalho realizado com apoio da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

* Doutor e mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Universidade de São Paulo. Brasil. Orcid: 0000-0002-7316-559X. E-mail: leobremartins@usp.br.

** Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Psicologia pela Universidade Nove de Julho. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo. Brasil. Orcid: 0000-0002-7555-5233. E-mail: psicologia.chagas@gmail.com.

*** Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Universidade de São Paulo. Brasil. Orcid: 0000-0001-5522-7200. E-mail: w.z@usp.br.

**** Graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Brasil. ORCID: 0000-0002-5770-3167. E-mail: vitor.somera@gmail.com.

ABSTRACT

Social psychology has studied the influence of people on each other for the formation and consolidation of religious/supernatural beliefs and experiences. Experimental studies can examine the influence of specific variables on this process. By replicating and expanding two British studies, our study investigated the effects of verbal suggestion on the testimony and attribution of meaning to an apparently supernatural event. 187 Brazilian adult volunteers were subjected to various forms of verbal suggestion while watching a video in which a false medium (actually a magician) simulated a supernatural achievement. The memory about the video, religious/supernatural beliefs, and the tendency to dissociation were also investigated. The results include a greater impact of horizontal influences (coming from a false volunteer who watched the video with the real volunteers) to the detriment of vertical influences (from the authority figure represented by the false medium) on memory and formation of religious/supernatural beliefs about the video. Prior beliefs tended to guide the attribution of causality about the video content. Implications for understanding the formation and consolidation of religious/supernatural beliefs and experiences are discussed, including such as believers may exert greater influence among themselves than that coming from religious leaders.

Keywords: Suggestion. Memory. Paranormality. Anomalous experience. Beliefs.

RESUMEN

La psicología social ha estudiado la influencia de las personas entre sí para la formación de creencias y experiencias religiosas/sobrenaturales. Los estudios experimentales pueden examinar la influencia de variables específicas en este proceso. Reproduciendo y ampliando estudios británicos, nuestro estudio investigó efectos de la sugestión verbal en presenciar y atribuir significado a un evento aparentemente sobrenatural. 187 voluntarios adultos brasileños fueron sometidos a diversas formas de sugestión verbal mientras miraban un video en el que un psíquico falso simulaba una proeza sobrenatural. También se investigó la memoria sobre el video, las creencias sobrenaturales y la tendencia a la disociación. Los hallazgos clave incluyen el impacto de las influencias horizontales (de un voluntario falso que vio el video con los voluntarios reales) en detrimento de las influencias verticales (de la figura de autoridad representada por el psíquico falso) en la memoria y la formación de creencias sobrenaturales sobre el video. Las creencias previas tendieron a guiar la atribución de causalidad sobre el contenido. Se discuten implicaciones para comprender la formación y consolidación de creencias y experiencias religiosas/sobrenaturales, como la mayor influencia que las personas religiosas pueden ejercer entre sí en comparación con la influencia proveniente de los líderes religiosos.

Palabras clave: Sugerencia. Memoria. Paranormalidad. Experiencia anómala. Creencias.

1 INTRODUÇÃO

Temas como sugestão, hipnose, alucinações, ilusões, influência interpessoal e alegações de cunho *paranormal* acompanham a psicologia desde seu início (Neubern, 2009; Rensink; Kuhn, 2015). Após uma queda de interesse sobre a maioria desses tópicos e suas inter-relações ao longo do século XX (Hyman, 1989), as últimas décadas têm assistido a uma retomada promissora desses objetos de estudo, com descobertas relevantes em diversos domínios (Dean *et al.*, 2022).

Duas revisões sistemáticas sobre crenças paranormais (Dean *et al.*, 2022; Irwin, 1993), que abarcam mais de 40 anos de pesquisa, descrevem aspectos importantes como

associações significativas entre crenças paranormais e o pensamento intuitivo, viés confirmatório e ilusão de controle.

Devido aos muitos vieses do termo *paranormal*, a expressão *experiência anômala* tem sido cada vez mais usada. Em obra publicada pela Associação Psicológica Americana [APA], Cardeña, *et al.* (2014) define experiências anômalas como vivências subjetivas divergentes do consenso habitual sobre a realidade e o que é possível ocorrer, embora possuam alta prevalência em diversos contextos culturais e não possuam relação obrigatória com patologia ou anormalidade.

As experiências anômalas abrangem vivências subjetivas nos âmbitos *paranormal* e religioso, como poderes da mente, aparições de seres sobrenaturais e milagres, entre diversos outros que têm sido cada vez mais estudados (Cardeña; Lynn; Krippner, 2014). No Brasil, o estudo de experiências anômalas se mescla, de modo quase inevitável, ao estudo de crenças e experiências religiosas, pois a fértil sobreposição de sistemas de crença que caracteriza o contexto brasileiro acaba por compelir a atribuições religiosas para experiências “paranormais” e vice-versa (e.g., Santos; Martins, 2020). Assim, *insights* provenientes do estudo de um desses domínios acabam por contribuir decisivamente para a compreensão do outro.

Outro ângulo para o estudo das crenças paranormais é a mágica [no sentido de ilusionismo]. Muitos desses processos de percepção enviesada, gerados pela manipulação dos mágicos, são alicerçados e ressignificados como crenças paranormais ou sobrenaturais a depender das crenças, da cultura e de nuances contextuais.

Através dos truques de mágica, é possível ter impressões falsas de objetivos inexistentes (Tompkins; Woods; Aimola Davies, 2016), de desaparecimento de objetos presentes (Kuhn; Tatler, 2005) ou do movimento dos objetivos (Beth; Ekroll, 2015).

Mohr *et al.* (2015) conduziram um estudo no qual foi apresentado um truque de mágica para dois grupos que receberam instruções diferentes. Um grupo foi informado de que se tratava de uma demonstração de um ilusionista, enquanto o outro grupo foi informado de que se tratava de um paranormal. O grupo que foi informado sobre a apresentação do paranormal interpretou com mais frequência os eventos como sobrenaturais ou paranormais (Mohr; Koutrakis; Kuhn, 2015).

Outros estudos também mostraram essa tendência a endossar explicações paranormais, especialmente quando crenças pré-existentes e aspectos contextuais convergem (Lesaffre *et al.*, 2018; Subbotsky, 2007).

Diversas formas de experiência anômala e religiosa possuem marcante elemento de

interação social, com destaque para o componente verbal. É o caso, entre muitos outros, das chamadas *curas alternativas*, das induções a estados alterados de consciência e de performances *paranormais* ou *espiritualistas*, cujo impacto cultural na contemporaneidade é crescente e já estabelecido, especialmente, em contextos urbanos (Lan *et al.*, 2018; Magnani, 1996).

O fortalecimento das práticas alternativas no contexto da saúde [incluindo práticas respiratórias, meditativas e, como popularmente dito, *energéticas*] figura entre os muitos exemplos eloquentes da questão, demandando posicionamento da psicologia.

Entre as incógnitas que essa aproximação temática suscita, destacam-se: os processos e graus em que se dão a influência social sobre a memória e o relato de experiências anômalas e religiosas; o papel específico da sugestão verbal nesse panorama; o modo como a sugestão verbal afeta diferentes perfis de pessoa, incluindo suas crenças prévias, idade, gênero e filiações a grupos esotéricos, religiosos etc.; e o que a possibilidade de sugestão de experiências anômalas ensina sobre o fenômeno amplo da sugestão.

Dois estudos abordaram diretamente tais questões. No primeiro, um falso paranormal alegadamente entorta uma chave com o *poder do pensamento*, ou seja, sem a aplicação de um agente mecânico convencional, como a força física das mãos (Wiseman; Greening, 2005).

Uma vez que a chave, de fato, não entorta no momento da sugestão, os autores investigaram se o pretenso efeito *paranormal* do seu entortamento poderia ser reportado pelos voluntários, a partir do emprego de sugestão verbal. Aos voluntários foi exibido um videotape no qual o falso paranormal realizava seu ato. Metade dos voluntários assistiu ao videotape acompanhado do áudio em que o falso paranormal dizia que a chave estava gradualmente se entortando sobre a mesa. Metade dos voluntários não ouviu o áudio.

Como resultado, os participantes que ouviram o áudio se mostraram significativamente mais propensos a reportar que a chave de fato se entortou sobre a mesa, em comparação com o grupo controle. Ademais, os voluntários que reportaram tal entortamento mostraram um nível significativamente mais alto de confiança em seu testemunho sobre a cena, além de menor tendência a lembrar que o falso paranormal sugeriu o entortamento progressivo da chave. Os estudos não revelaram diferenças nos resultados em relação às crenças prévias dos voluntários sobre o tema *paranormalidade* (Wiseman; Greening, 2005).

No segundo artigo, Wilson e French (2014) apresentaram uma replicação dos estudos de Wiseman e Greening (2005). Sua intenção foi discutir os efeitos da sugestão, influência social e crença em paranormalidade sobre a precisão do testemunho visual de um evento

aparentemente paranormal.

Os voluntários foram submetidos ao mesmo protocolo experimental do estudo anterior, com o seguinte acréscimo. Parte dos voluntários foi acompanhada por um ator [um falso voluntário] instruído a dizer que a chave estava se entortando. Outros voluntários assistiam ao vídeo com o mesmo ator instruído a dizer que a chave não estava se entortando.

Finalmente, uma terceira parcela dos voluntários não interagiu com o ator. Os voluntários que ouviram a sugestão do falso paranormal foram significativamente mais propensos a reportar o entortamento da chave em relação aos que não ouviram o áudio, o mesmo ocorrendo entre aqueles que ouviram a sugestão positiva do ator (Wilson; French, 2014). Por fim, divergindo do apurado por Wiseman e Greening (2005), os voluntários que acreditam em paranormalidade foram mais propensos a reportar que a chave se entortou.

Esses estudos inspiram diversos questionamentos relevantes, entre os quais: o papel das crenças pessoais prévias relativas ao paranormal na sugestionabilidade diante de uma experiência aparentemente anômala; os efeitos de diferentes tipos de crenças prévias, como, por exemplo, as chamadas crenças paranormais clássicas [percepção extrassensorial, psicocinesia, etc.] e as crenças paranormais religiosas [milagres, aparições etc.]; o papel da tendência individual a dissociar [tendência apontada pela literatura como relevante no cenário das crenças e experiências paranormais e religiosas] (Maraldi, 2014); as implicações de diferentes etapas do desenvolvimento psicológico sobre esse processo de sugestão, como esse processo se aplicaria fora do contexto experimental, isto é, no cotidiano; e o que esse fenômeno ensina sobre os amplos domínios da sugestão, da influência social, das experiências anômalas e religiosas.

O presente estudo teve como objetivo replicar, em contexto brasileiro, os dois estudos anteriores (Wilson; French, 2014; Wiseman; Greening, 2005), ambos realizados na Inglaterra, país com características de crença significativamente distintas do Brasil. Entre os exemplos disso, mais de 30% das pessoas se declararam sem religião na Inglaterra, enquanto no Brasil tal perfil corresponde a 8% dos respondentes, sendo que os cristãos brasileiros chegam a 88% (Pew Research Center, 2015).

Ademais, o Brasil é um território fértil para diversidade de crenças e identificações religiosas, com pessoas se declarando, ao mesmo tempo, umbandistas e católicas, ateias e espíritas, entre outras combinações curiosas (Chagas *et al.*, 2022). No contexto brasileiro, portanto, a combinação entre perfis cruzados de crença e formas variadas de sugestão pode produzir resultados relevantes.

Por fim, a temática das experiências anômalas e religiosas se mostra relevante,

também em um aspecto pouco explorado, a saber, o estudo psicológico da sugestão e seus desdobramentos psicossociais.

2 MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram 185 pessoas, sendo 112 homens e 73 mulheres. Os participantes tinham entre 18 e 77 anos [$M = 31,99$, $DP = 13,81$] e foram divididos em cinco grupos experimentais e um grupo controle de forma equiparada em idade e gênero. Os participantes foram recrutados através de convite aberto em redes sociais, entre estudantes da Universidade de São Paulo e por indicação [bola de neve].

2.2 Materiais e instrumentos

2.2.1 Videotape

Foi utilizada uma versão própria do vídeo original de Wiseman e Greening (2005), que fora reutilizado na replicação de Wilson e French (2014), obtido junto a um dos coautores de um dos estudos citados.

Houve duas versões do vídeo, atendendo aos requisitos experimentais que contrastam a presença e a ausência da sugestão verbal. Na primeira versão, o vídeo de aproximadamente dois minutos mostra um entrevistador interagindo com a pessoa alegadamente paranormal. Ambos estão diante de uma mesa com diversos objetos cotidianos como chaves e talheres. O entrevistador apresenta brevemente ao *paranormal* os objetos e o convida a escolher um deles para a demonstração de seus pretensos poderes.

O *paranormal* escolhe um garfo e o entorta significativamente com um recurso de ilusionismo. Ele então coloca o garfo torto sobre a mesa. No momento-chave do vídeo, a imagem foca o garfo durante aproximadamente 30 segundos, enquanto o *paranormal* diz que este continua a se entortar mesmo fora de sua mão [embora ele esteja, de fato, completamente estático]. E então o vídeo termina. A segunda versão do vídeo é a própria versão original, exceto pela retirada do áudio no trecho final de 30 segundos em que o *paranormal* diz que o garfo continua a entortar.

2.2.2 Escala de Crença Paranormal Revisada (*Revised Paranormal Belief Scale*)

O instrumento foi apresentado por Tobacyk (2004). É constituído de 26 assertivas abordando diferentes domínios da crença em paranormalidade e no *sobrenatural*, de modo

que os respondentes devem assinalar em cada uma delas uma entre sete opções em uma escala que representam sua opinião sobre a assertiva, abrangendo os extremos da escala *discordo totalmente* e *concordo plenamente*, além de cinco posições intermediárias (Tobacyk, 2004).

O instrumento é organizado em módulos dedicados a diferentes tipos de crença paranormal [crenças religiosas tradicionais, bruxaria, superstição, espiritualismo, formas de vida extraordinárias, precognição e outros poderes da mente], podendo fornecer escores tanto dessas categorias particulares quanto um escore geral.

2.2.3 Questionário de Resposta Fixa [*Fixed Response Questionnaire*]

Este instrumento foi usado tanto nos estudos originais de Wiseman e Greening (2005) quanto na replicação de Wilson e French (2014). Ele possui apenas quatro itens com assertivas sobre a demonstração exibida no vídeo, com o objetivo de sondar o que os participantes lembram sobre o vídeo.

Os dois primeiros itens [1. O entrevistador tocou nos itens sobre a mesa; 2. O sujeito G [o codinome do falso paranormal] disse que o garfo estava esquentando enquanto entornava em sua mão] são destinados a mascarar a relevância da terceira questão para o experimento [3. Depois que o garfo foi colocado na mesa, ele continuou a entortar], que é justamente a que testará o efeito da sugestão sobre a memória.

A quarta questão se dedica à relação entre crença paranormal e a cena específica do videotape [4. O entortamento do garfo foi causado por algum tipo de força paranormal]. Cada item também é acompanhado de sete opções em uma escala que pretendem representar sua opinião sobre a assertiva, abrangendo os extremos da escala *discordo totalmente* e *concordo plenamente*, além de posições intermediárias contínuas.

Um quinto item foi acrescentado para acessar o grau de confiança do voluntário sobre se lembrar corretamente da cena [5. Qual o seu nível de confiança nas respostas que deu acima?]. A questão também possuía sete opções de resposta, variando entre os extremos *nem um pouco confiante* e *totalmente confiante*.

2.2.4 Escala de Experiências Dissociativas [*Dissociative Experiences Scale*]

Proposta inicialmente por Bernstein e Putnam (1986) e Carlson e Putnam (1993), a escala se tornou o instrumento mais utilizado para rastrear e quantificar experiências dissociativas. Ele é composto por 28 questões que abordam experiências cotidianas de

cunho dissociativo, nas quais os respondentes assinalam a adequação da assertiva com sua própria experiência em uma escala de 0 a 100 (Bernstein; Putnam, 1986; Carlson; Putnam, 1993).

2.3 Procedimento

Os voluntários preencheram inicialmente a Escala de Crenças Paranormais, após o que foram dispostos em duplas e apresentados ao vídeo. Para se mensurar o efeito da sugestão verbal, metade dos voluntários assistiu a uma versão do vídeo em que, ao final, o falso paranormal sugere que o entortamento continua a acontecer mesmo após o objeto ser colocado sobre a mesa, enquanto a outra metade assistiu ao vídeo sem tal áudio final com a sugestão verbal.

Um terço de cada um desses dois grupos teve entre os participantes um ator [voluntário falso] que comentava em voz alta que o entortamento estava realmente acontecendo, quando o garfo era posto sobre a mesa. Outro terço teve o mesmo ator comentando que o entortamento não estava acontecendo. E o último terço não teve o ator no grupo. Os participantes assistiam ao vídeo em dupla para conferir oportunidade para a presença do falso voluntário junto aos participantes legítimos. Desse arranjo resultaram, pois, seis grupos:

Grupo 1 [G1]: o vídeo possuía o áudio com a sugestão final do falso paranormal de que o garfo estava entortando [influência vertical positiva] e sob influência do ator sugerindo o entortamento do garfo [influência horizontal positiva];

Grupo 2 [G2]: o vídeo não tinha o áudio final [ausência de sugestão vertical] e o ator exerceu influência horizontal positiva;

Grupo 3 [G3]: o vídeo possuía o áudio final [influência vertical positiva] e o ator sugeria que o garfo não estava entortando [influência horizontal negativa];

Grupo 4 [G4]: o vídeo não possuía o áudio final [ausência de influência vertical positiva] e a influência horizontal do ator era negativa;

Grupo 5 [G5]: o vídeo possuía o áudio final [influência vertical positiva] e sem a participação do ator [influência horizontal ausente];

Grupo 6 [G6]: o vídeo não possuía o áudio com a influência vertical positiva e não havia o ator [influência horizontal ausente].

Após a exibição do vídeo, todos os instrumentos foram aplicados [incluindo uma

segunda aplicação da escala de crenças paranormais, para mensurar eventuais mudanças de crença após o vídeo]. A ordem de aplicação após o vídeo foi: Questionário de Resposta Fixa, Escala de Crenças Paranormais e Escala de Experiências Dissociativas. Por fim, após o experimento e o preenchimento dos instrumentos, conversou-se com cada voluntário sobre sua experiência enquanto participante da pesquisa e suas impressões, para que o experimentador pudesse esclarecer a natureza da pesquisa. Entretanto, tais conversas - cumprindo então o papel de uma entrevista aberta breve - possibilitaram *insights* relevantes para a compreensão dos resultados quantitativos, que serão aproveitados adiante.

2.4 Análise de dados

Foi realizada uma análise de variância de uma via (Anova-*One Way*) com o objetivo de avaliar a influência verbal tanto do suposto paranormal quanto do falso voluntário. A normalidade dos dados foi avaliada por meio do teste Shapiro-Wilk. O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene.

Foram realizados procedimentos de *bootstrapping* [1000 re-amostragens; 95% IC BCa] para se obter uma maior confiabilidade dos resultados, para corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos e, também, para apresentar um intervalo de confiança de 95% para as diferenças entre as médias (Haukoos, 2005).

Considerando a heterogeneidade de variância, foi solicitada a correção de Welch e avaliação de post-hoc por meio da técnica de Games-Howell (Field, 2009).

2.5 Aspectos éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo/Plataforma Brasil (Parecer 1.681.190).

3 RESULTADOS

Testes de distribuição de normalidade demonstraram que as variáveis crenças paranormais [0,97, $p < 0,001$], experiência dissociativa [0,94, $p < 0,000$], percepção do garfo entortando [0,85, $p < 0,000$], atribuição do entortamento a paranormalidade [0,90, $p < 0,000$] e nível de confiança [0,86, $p < 0,000$] não apresentaram distribuição normal.

O teste de Levene (Levene, 1960) demonstrou que os grupos não apresentam homogeneidade de variância [Levene [5, 179] = 5,67, $p < 0,000$]. Os resultados descritivos das diferenças entre os grupos encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 - Dados descritivos conforme grupo experimental

Grupo	N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo	
					Limite inferior	Limite superior			
Alegação de entortamento do garfo	Grupo 1	30	4,63	2,22	,41	3,80	5,46	1,00	7,00
	Grupo 2	30	4,40	1,81	,33	3,72	5,08	1,00	7,00
	Grupo 3	30	2,60	1,54	,28	2,02	3,18	1,00	6,00
	Grupo 4	30	1,77	1,33	,24	1,27	2,26	1,00	6,00
	Grupo 5	35	3,63	2,35	,40	2,82	4,44	1,00	7,00
	Grupo 6	32	2,53	1,92	,33	1,84	3,22	1,00	7,00
	Total	187	3,26	2,15	,16	2,95	3,57	1,00	7,00
Entortamento devido a forças paranormais	Grupo 1	30	4,53	1,83	,33	3,85	5,22	1,00	7,00
	Grupo 2	30	4,53	1,98	,36	3,79	5,27	1,00	7,00
	Grupo 3	30	3,97	1,75	,32	3,31	4,62	1,00	7,00
	Grupo 4	30	3,73	1,82	,33	3,05	4,41	1,00	7,00
	Grupo 5	35	3,66	1,86	,31	3,02	4,30	1,00	7,00
	Grupo 6	32	4,06	1,95	,34	3,36	4,77	1,00	7,00
	Total	187	4,07	1,88	,14	3,80	4,34	1,00	7,00
Confiança nas próprias respostas	Grupo 1	30	5,83	1,05	,19	5,44	6,23	3,00	7,00
	Grupo 2	30	5,93	1,17	,21	5,50	6,38	2,00	7,00
	Grupo 3	30	5,30	1,51	,28	4,74	5,86	1,00	7,00
	Grupo 4	30	5,73	,98	,18	5,37	6,10	4,00	7,00
	Grupo 5	35	5,46	1,24	,21	5,03	5,88	3,00	7,00
	Grupo 6	32	5,75	1,30	,23	5,28	6,22	2,00	7,00
	Total	187	5,66	1,23	,09	5,49	5,84	1,00	7,00
Dissociação	Grupo 1	30	27,25	17,73	3,24	20,63	33,87	4,29	68,57
	Grupo 2	30	28,333	18,01	3,29	21,61	35,05	5,71	70,71
	Grupo 3	30	22,38	15,14	2,76	16,73	28,03	3,57	54,29
	Grupo 4	30	26,38	18,59	3,39	19,44	33,32	4,64	84,29
	Grupo 5	35	29,05	14,18	2,40	24,18	33,92	,00	61,43
	Grupo 6	32	29,94	16,93	2,99	23,84	36,05	4,64	67,50
	Total	187	27,30	16,73	1,22	24,89	29,71	,00	84,29

**A INFLUÊNCIA SOCIAL ENTRE IGUAIS COMO MEDIADORA DA RELAÇÃO ENTRE
CRENÇAS E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS/SOBRENATURAIS**

Crença psicocinese antes	em Grupo 1	30	3,80	1,92	,35	3,08	4,52	1,00	7,00
	Grupo 2	30	3,77	2,22	,41	2,94	4,57	1,00	7,00
	Grupo 3	30	3,67	2,23	,41	2,83	4,50	1,00	7,00
	Grupo 4	30	2,73	2,16	,40	1,93	3,54	1,00	7,00
	Grupo 5	35	3,91	1,98	,33	3,24	4,59	1,00	7,00
	Grupo 6	32	4,19	2,26	,40	3,37	5,00	1,00	7,00
	Total	187	3,69	2,15	,16	3,38	4,00	1,00	7,00
Crença psicocinese depois	em Grupo 1	30	4,53	1,68	,31	3,90	5,16	1,00	7,00
	Grupo 2	30	4,23	2,22	,41	3,40	5,06	1,00	7,00
	Grupo 3	30	3,97	2,00	,367	3,22	4,72	1,00	7,00
	Grupo 4	30	3,47	2,21	,40	2,64	4,29	1,00	7,00
	Grupo 5	35	4,29	1,99	,34	3,60	4,97	1,00	7,00
	Grupo 6	30	4,40	2,27	,41	3,55	5,25	1,00	7,00
	Total	185	4,15	2,07	,15	3,85	4,45	1,00	7,00
Crença paranormal geral antes	Grupo 1	30	3,63	1,08	,20	3,23	4,03	1,29	5,50
	Grupo 2	30	3,50	1,24	,21	3,04	3,96	1,00	5,33
	Grupo 3	30	3,43	1,17	,21	2,99	3,86	1,04	5,42
	Grupo 4	30	2,89	1,24	,23	2,40	3,33	1,00	6,21
	Grupo 5	35	3,53	1,30	,22	3,08	3,98	1,00	5,42
	Grupo 6	32	3,78	1,16	,20	3,33	4,16	1,17	5,46
	Total	187	3,46	1,28	,09	3,28	3,63	1,00	6,21
Crença paranormal geral depois	Grupo 1	30	3,64	1,13	,21	3,22	4,06	1,21	5,54
	Grupo 2	30	3,46	1,28	,23	2,99	3,94	1,00	5,46
	Grupo 3	30	3,40	1,20	,22	2,95	3,85	1,29	5,79
	Grupo 4	30	2,85	1,24	,23	2,39	3,31	1,00	5,96
	Grupo 5	35	3,52	1,33	,23	3,06	3,98	1,00	5,92
	Grupo 6	32	3,40	1,46	,26	2,88	3,93	,00	5,46
	Total	187	3,39	1,29	,09	3,20	3,57	,00	5,96

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados da ANOVA demonstraram que havia diferença entre os grupos na percepção de entortamento do garfo [Welch´s F [5, 83,213] = 13,315, $p < 0,000$].

O teste post-hoc de Games-Howell (Games-Howell, 1976), interpretado por meio de procedimentos de *bootstrapping* e apresentado na Tabela 2, demonstrou que foram encontradas diferenças significativas entre o grupo G1 [vídeo com áudio e influência social positiva] e os grupos G3 [vídeo com áudio e influência social negativa], G4 [vídeo sem áudio

+ influência social negativa] e G6 [vídeo sem áudio + sem influência social].

Ainda demonstrou que, independentemente da presença ou ausência de sugestão vertical no vídeo, os indivíduos que foram expostos a uma influência social horizontal positiva tenderam a relatar mais significativamente que o garfo continuar a entortar.

Tal resultado também foi verificado em relação ao grupo G2 [vídeo sem áudio e influência social positiva], quando comparado com os grupos G3, G4 e G6. O grupo G5 [vídeo com áudio e sem influência social] apresentou diferença apenas em comparação com o grupo G4 [($\Delta M = 1,835$, IC 95% Bca (.99 - 2,78)]. Por fim, o grupo controle [G6] apresentou diferença apenas em comparação com os grupos G1 e G3, nos quais havia também a presença de uma influência social positiva.

Tabela 2 - Teste post-hoc de Games-Howell com Bootstrapping sobre a percepção do garfo continuar a entortar

Comparação grupos		Diferença de médias	Estimativas de Bootstrapping (95% IC BCa)		
			Erro-padrão	Limite inferior	Limite superior
G1	G2	,33	,51	-,67	1,37
	G3	2,23*	,48	1,27	3,26
	G4	2,94*	,48	2,00	3,90
	G5	1,10	,55	,04	2,18
	G6	2,28*	,50	1,23	3,23
G2	G1	-,33	,51	-1,45	,71
	G3	1,90*	,41	1,01	2,79
	G4	2,60*	,42	1,73	3,41
	G5	,77	,50	-,25	1,78
	G6	1,94*	,47	,99	2,87
G3	G1	-2,23*	,48	-3,19	-1,30
	G2	-1,90*	,41	-2,67	-1,13
	G4	,70	,38	-,02	1,39
	G5	-1,12	,47	-2,01	-,21
	G6	,048	,43	-,84	,89
G4	G1	-2,94*	,48	-3,92	-1,97
	G2	-2,60*	,42	-3,38	-1,77
	G3	-,70	,38	-1,46	,067
	G5	-1,8*	,46	-2,82	-,95
	G6	-,65	,43	-1,49	,12
G5	G1	-1,10	,55	-2,24	-,01
	G2	-,77	,50	-1,68	,15
	G3	1,12	,47	,20	2,04
	G4	1,83*	,46	,99	2,78
	G6	1,17	,52	,17	2,18
G6	G1	-2,28*	,50	-3,23	-1,22

**A INFLUÊNCIA SOCIAL ENTRE IGUAIS COMO MEDIADORA DA RELAÇÃO ENTRE
CRENÇAS E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS/SOBRENATURAIS**

G2	-1,94*	,47	-2,87	-1,00
G3	-,04	,43	-,89	,85
G4	,65	,43	-,09	1,48
G5	-1,17	,52	-2,21	-,17

* A diferença média é significativa no nível ,05.

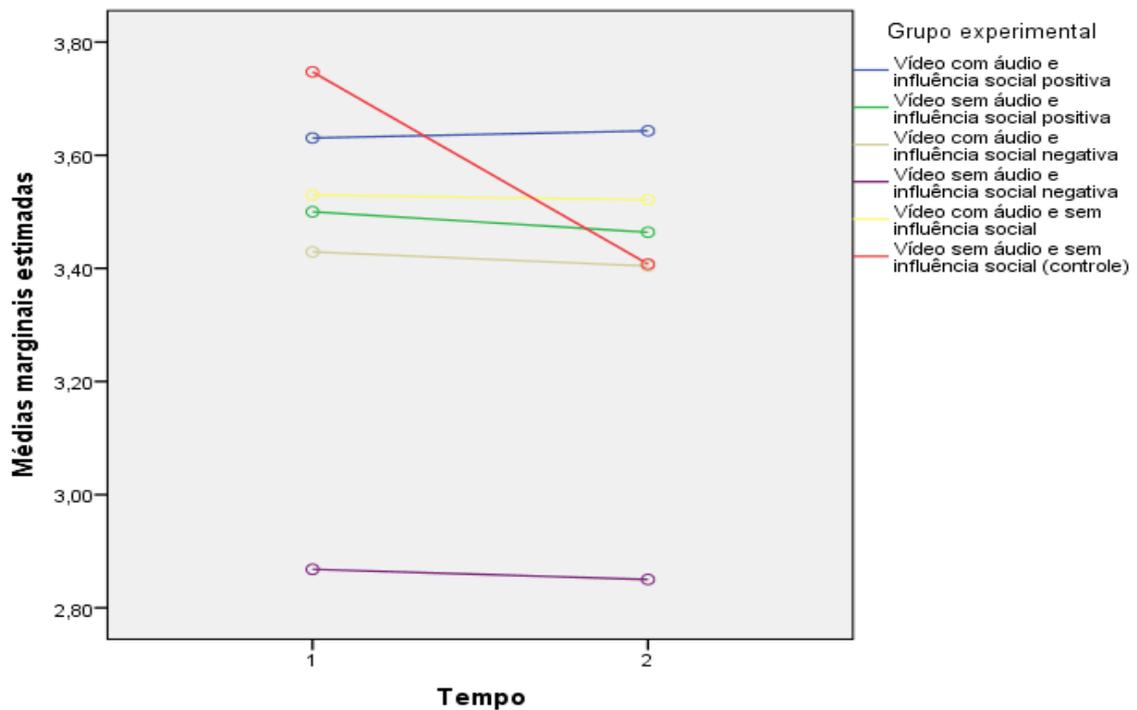
Fonte: Dados da pesquisa

Em relação às crenças paranormais, experiências dissociativas e atribuição do entortamento à paranormalidade, não houve diferença entre os grupos. Apesar disso, os escores dos participantes na Escala de Experiências Dissociativas foi bastante elevada [m = 27,25; DP = 16,71; IC [95%] = 24,83 - 29,68].

Em geral, as pessoas se mostraram muito confiantes nas próprias respostas [m= 5,66; DP = 1,22; IC [95%] = 5,49 - 5,84], sem diferença significativa entre os grupos. Realizou-se uma ANOVA de medidas repetidas para a variável “crença em psicocinese” da Escala de Crenças Paranormais, dado ser este o fenômeno paranormal simulado pelo ilusionista.

Como resultado, não houve efeito do tempo [após a exibição do vídeo] sobre as medidas de crença em psicocinese sem considerar o grupo experimental ($F[1,179]=0,056$, $p=0,813$) e também considerando por grupo experimental ($F[5,179]=0,721$, $p=0,609$).

Realizou-se ainda uma ANOVA de medidas repetidas para crença paranormal geral, considerando-se os voluntários divididos entre os grupos experimentais. Como resultado, houve efeito do tempo sobre as medidas de crença paranormal geral sem considerar o grupo experimental ($F(1,181)=3,933$, $p=0,049$) e considerando por grupo ($F(5,181)=2,510$, $p=0,032$). O grupo controle exerceu o efeito principal, conforme a figura 1, gerada pelo teste post hoc.

Figura 1 - Post hoc do efeito do tempo sobre a crença paranormal geral de acordo com o grupo

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à idade, sexo e escolaridade, a variável crença paranormal exibiu diferença apenas em relação à idade: o nível de crença paranormal tendeu a aumentar com a idade. A tabela 3 exhibe os resultados do teste ANOVA.

Tabela 3 - Teste ANOVA sobre crença paranormal e variáveis sociodemográficas

		Soma dos Quadrados	Df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Idade	Entre Grupos	3138,613	2	1569,307	8,771	,000
	Nos grupos	32922,018	184	178,924		
	Total	36060,631	186			
Sexo	Entre Grupos	,604	2	,302	1,267	,284
	Nos grupos	43,898	184	,239		
	Total	44,503	186			
Escolaridade	Entre Grupos	,449	2	,225	,732	,482
	Nos grupos	56,417	184	,307		
	Total	56,866	186			

Fonte: Dados da pesquisa

4 DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora estudos em psicologia social destaquem o papel que figuras de autoridade têm sobre pessoas e grupos (Liang *et al.*, 2021; Piza *et al.*, 2023), a influência do dito paranormal [colocada na posição de figura de autoridade] sobre as memórias e crenças dos participantes foi incerta. A influência vertical não produziu resultados significantes tanto em relação à percepção e à memória relativas ao entortamento do garfo quanto à atribuição paranormal sobre o evento.

Em contrapartida, a influência do falso voluntário sobre os participantes se sobressaiu. Isso sugere, ao menos no cenário proposto pelo experimento, que a influência de um par, em circunstância de interação direta com os participantes, foi mais importante que aquela de uma figura distante de autoridade.

Embora figuras de autoridade em contextos místico-religiosos desempenhem papel importante na formação de crenças dos membros e interessados (Chowdhury *et al.*, 2022), a influência social entre os membros, em uma troca social direta e horizontal, pode exercer um efeito dominante.

É conhecido, por exemplo, o chamado *viés de incorreção teológica* (Slone, 2008), isto é, a tendência a que as pessoas, no dia a dia, no *chão de igreja*, adotem crenças ou posturas que não coincidem com a teologia oficial de sua religião ou grupo, mas que fazem mais sentido nas trocas sociais cotidianas.

De forma geral, o vídeo não exerceu efeito significativo sobre as crenças dos participantes a respeito do paranormal e da psicocinesia em particular. Ao mesmo tempo, a confiança dos participantes quanto a suas respostas foi tipicamente elevada. Tais resultados são coerentes com a literatura que aponta a tendência à perseverança de crenças das pessoas, inclusive no âmbito das crenças paranormais (Irwin; Dagnall; Drinkwater, 2022).

Ao que entrevistas abertas breves posteriores ao experimento corroboraram e destacaram, o fenômeno supostamente paranormal observado ao longo do experimento acabou tipicamente não por motivar uma revisão das crenças dos voluntários, mas por reforçá-las. Quando diante da experiência nova ocasionada pelo vídeo, os voluntários tenderam não somente a se valer de seus referenciais prévios de crença para interpretá-la, mas a tomaram de empréstimo para corroborá-los. Em suma, a crença prevaleceu sobre a unicidade da experiência.

Tal efeito dialoga diretamente com a teoria da atribuição de causalidade (Dela Coleta;

Dela Coleta, 2006) e com o fenômeno da dissonância cognitiva (Festinger, 1975), pelos quais, como *cientistas ingênuos*, buscamos explicar o mundo e os acontecimentos novos através tipicamente dos nossos referenciais prévios, estando tipicamente dispostos a distorcer as experiências e dados de realidade para que se acomodem às crenças, antes de sujeitarmos tais crenças à mudança diante da realidade.

Um efeito, embora sutil, ocorreu em direção contrária para o grupo controle: houve diminuição nas crenças paranormais. Uma possível razão desse fenômeno emergiu durante as entrevistas não somente entre voluntários que participaram do grupo controle, mas em relação também aos demais. Isso pode se dever, em hipótese, à artificialidade do cenário experimental a inspirar desconfiança sobre um fenômeno paranormal tão ostensivo quanto mostrado no vídeo.

Ainda de acordo com os comentários livres posteriores ao experimento, um número não desprezível de voluntários mencionou que desconfiou de algum tipo de fraude, ainda que muitas vezes não tivesse noção de como o seria, tampouco da possibilidade de ilusionismo. Tal noção de fraude, de acordo com as entrevistas, em parte se deveu ao estereótipo derivado de certos programas de TV.

Ainda hoje, são comumente veiculadas matérias televisivas e documentários que retratam as pretensas fraudes de alegados paranormais, especialmente o entortamento de metais. Desse modo, entortar metais com o poder da mente parece assumir o lugar de fraude no imaginário de muitas pessoas, algo que alguns voluntários disseram abertamente durante as entrevistas abertas breves.

Assim, a despeito dos estudos originais (Wilson; French, 2014; Wiseman; Greening, 2005) terem utilizado o entortamento de metais, recomenda-se, para estudos futuros, outros tipos de ilusão, dado que o objetivo primário desse momento do experimento é impressionar positivamente os voluntários.

Em relação às variáveis sociodemográficas, destacou-se o aumento do nível de crença paranormal conforme o aumento da idade. Existem estudos que apontam o aumento de crenças religiosas com a idade, o que parece ter relação com processos de *coping* dos desafios da idade mais avançada (Panzini; Bandeira, 2007). Ainda que estudos em diferentes contextos apontem relações controversas entre crenças paranormais e crenças religiosas, de modo a ser potencialmente problemático relacionar diretamente esses resultados, a antes mencionada relação entre crenças e experiências paranormais e religiosas no contexto brasileiro convida a essa reflexão e a estudos futuros que a explorem.

Quanto à relação entre idade e crenças paranormais abordada de modo específico em outros estudos, os resultados são distintos, controversos e parecem mais influenciados por

variáveis contextuais que propriamente pela idade (Emmons; Sobal, 1981; Williams; Francis; Robbins, 2007). Assim, novos estudos são necessários também nesse domínio, ao que a presente pesquisa incorpora novos dados.

Por sua vez, a amostra de voluntários pontuou de modo significativo em experiências dissociativas. Na escala utilizada (Fizman *et al.*, 2004), uma pontuação acima de 20 indica propensão à dissociação, enquanto uma pontuação acima de 30 indica tendência à dissociação patológica. Sendo assim, é revelador sobre o perfil da amostra que os escores nesse instrumento tenham sido altos.

Como se viu nos resultados, a tendência à dissociação não foi distintiva entre os grupos experimentais ou em face às demais variáveis, tendo tal tendência se distribuído entre os voluntários com diferentes perfis de resposta. Desse modo, ao menos no contexto brasileiro, conhecido por sua complexidade em relação às crenças paranormais, a associação entre dissociação e crenças paranormais descrita na literatura (Maraldi, 2014; Rattet; Bursik, 2001) ganha nuances que demandam novos estudos.

Conclui-se, entre outros aspectos, que o papel das crenças prévias sugeriu-se mais importante que variáveis contextuais imediatas tanto na manutenção/mudança de perspectivas quanto nos processos de atribuição de causalidade sobre experiências novas e estranhas. Ainda que o efeito da sugestão horizontal tenha ocorrido em detrimento da sugestão vertical - o que constitui um achado relevante -, a tendência à perseverança de crenças destacou-se de modo superior ao esperado. Desse modo, a combinação entre variáveis contextuais e vieses cognitivos evidencia-se útil para compreendermos a resistência à mudança e - quando ocorrem - a extensão de mudanças verificadas em diversos contextos religiosos, místicos e paranormais.

Ademais, os processos de ordem psicossocial mais diretos, como a influência de *iguais* próximos, podem ser bem mais significativos que a influência de figuras de autoridade um tanto distantes e passíveis de desconfiança. Com a presença e relevância de novas formas de se viver as dimensões da crença na contemporaneidade, discursos oficiais parecem cada vez menos impositivos e mais sujeitos às nuances da individualidade.

Tal cenário no panorama das crenças, em crescente consolidação, pode auxiliar a compreensão de controvérsias do campo que vieram de achados conflitantes. Assim, estudos novos, mesmo sobre temas consagrados no universo das crenças, podem ser bastante importantes, por detectarem os aspectos emergentes deste momento histórico.

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Eve M.; PUTNAM, Frank W. Development, Reliability, and Validity of a Dissociation Scale: **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 174, n. 12, p. 727–735, 1986. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/3783140/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

BETH, Tessa; EKROLL, Vebjørn. The curious influence of timing on the magical experience evoked by conjuring tricks involving false transfer: decay of amodal object permanence? **Psychological Research**, v. 79, n. 4, p. 513–522, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24941913/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

CARDENA, Etzel; KRIPPNER, Stanley; LYNN, Steven Jay. **Variedades da Experiência Anômala: Análise de Evidências Científicas**. [s.l.]: Atheneu, 2014.

CARLSON, Eve Bernstein; PUTNAM, Frank W. An update on the Dissociative Experience Scale. **Dissociation: Progress in the Dissociative Disorders**, v. 6, n. 1, p. 16–21, 1993. Disponível em: <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/1539>. Acesso em: 7 mar. 2024.

CHAGAS, Camila; MARTINS, Leonardo Breno; MACHADO, Fatima Regina, ZANGARI, Wellington; GALDURÓZ, José Carlos Fernandes. Religious and secular spirituality: Methodological implications of definitions for health research. **Explore**, p. S1550830722000672, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35469748/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

CHOWDHURY, Rahmanara; WINDER, Berlinda; BLAGDEN, Nicholas; MULLA, Farooq. “I thought in order to get to God I had to win their approval”: a qualitative analysis of the experiences of Muslim victims abused by religious authority figures. **Journal of Sexual Aggression**, v. 28, n. 2, p. 196–217, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13552600.2021.1943023>. Acesso em: 7 mar. 2024.

DEAN, Charlotte E.; AKHTAR, Shazia; GALE, Tim M.; IRVINE, Karen; GROHMANN, Dominique; LAWS, Keith R. Paranormal beliefs and cognitive function: A systematic review and assessment of study quality across four decades of research. **Plos one**, v. 17, n. 5, p. e0267360, 2022. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0267360>. Acesso em: 7 mar. 2024.

DELA COLETA, José Augusto; DELA COLETA, Marília Ferreira. **Atribuição de causalidade teoria, pesquisa e aplicações**. 2 ed. Taubaté: Cabral, 2006.

EMMONS, Charles F.; SOBAL, Jeff. Paranormal Beliefs: Functional Alternatives to Mainstream Religion? **Review of Religious Research**, v. 22, n. 4, p. 301–312, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3509764>. Acesso em: 7 mar. 2024.

FESTINGER, Leon. **Teoria da Dissonância Cognitiva**. [s.l.]: Zahar, 1975.

FIELD, Andy. **Descobrimos a estatística usando o SPSS**. 2 ed. Porto Alegre: Grupo A - Bookman, 2009.

FISZMAN, Adriana; CABIZUCA, Mariana; LANFREDI, Cláudia; FIGUEIRA, Ivan. A

adaptação transcultural para o português do instrumento dissociative experiences scale para rastrear e quantificar os fenômenos dissociativos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26, n. 3, p. 164–173, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/9FCVTtfbRWdLLwr6WprZGbH/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

GAMES, Paul A.; HOWELL, John F. Pairwise multiple comparison procedures with unequal n's and/or variances: a Monte Carlo study. **Journal of Educational Statistics**, v. 1, n. 2, p. 113-125, 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1164979>. Acesso em: 7 mar. 2024.

HAUKOOS, Jason S.; LEWIS, Roger J. Advanced Statistics: Bootstrapping Confidence Intervals for Statistics with “Difficult” Distributions. **Academic Emergency Medicine**, v. 12, n. 4, p. 360–365, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15805329/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

HYMAN, Ray. The Psychology of Deception. **Annual Review of Psychology**, v. 40, n. 1, p. 133–154, 1989.

IRWIN, Harvey J. Belief in the Paranormal: A Review of the Empirical Literature. **Journal of the American Society for Psychical Research**, p. 1-39, 1993. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.2466/pro.1994.75.3.1344>. Acesso em: 7 mar. 2024.

IRWIN, Harvey J.; DAGNALL, Neil; DRINKWATER, Kenneth Graham. Ethics of Belief in Paranormal Phenomena. **Journal of Anomalous Experience and Cognition**, v. 2, n. 1, p. 49–79, 2022. Disponível em: <https://journals.lub.lu.se/jaex/article/view/23514>. Acesso em: 7 mar. 2024.

KUHN, Gustav; TATLER, Benjamin W. Magic and Fixation: Now You Don't See it, Now You Do. **Perception**, v. 34, n. 9, p. 1155–1161, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16245492/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

LAN, Yuxuan; MOHR, Christine; HU, Xiaomeng; KUHN, Gustav. Fake science: The impact of pseudo-psychological demonstrations on people's beliefs in psychological principles. **Plos one**, v. 13, n. 11, p. e0207629, 2018. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0207629>. Acesso em: 7 mar. 2024.

LEVENE, Howard. Robust tests for equality of variances. In: OLKIN, I., HOTELLING, H. et al (eds). **Contributions to probability and statistics: essays in honor of Harold Hotelling**. Stanford: Stanford University Press, 1960, p. 278–292.

LESAFFRE, Lise; KUHN, Gustav; ABU-AKEL, Ahmad; ROCHAT, Deborah; MOHR, Christine. Magic Performances – When Explained in Psychic Terms by University Students. **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2018.02129/full>. Acesso em: 7 mar. 2024.

LIANG, Juan; CHEN, Xiaoyun; LI, Tian; WANG, Yaxin. Beyond Justice Perceptions: The Role of Interpersonal Justice Trajectories and Social Class in Perceived Legitimacy of Authority Figures. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2021.595731/ful>

l. Acesso em: 7 mar. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Neo-Esoterismo na Cidade. **Revista USP**, v. 31, p. 6–15, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25951>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MARALDI, Everton de Oliveira. **Dissociação, crença e identidade: uma perspectiva psicossocial**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-18032015-105415/pt-br.php>. Acesso em: 7 mar. 2024.

MOHR, Christine; KOUTRAKIS, Nicolaos; KUHN, Gustav. Priming psychic and conjuring abilities of a magic demonstration influences event interpretation and random number generation biases. **Frontiers in Psychology**, v. 5, p.1-8, 2015. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2014.01542/full>. Acesso em: 7 mar. 2024.

NEUBERN, Maurício da Silva. Hipnose e dor: proposta de metodologia clínica e qualitativa de estudo. **Psico-USF**, v. 14, n. 2, p. 201–209, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/Cjgq6j6bhydqC7JvNRvsWBf/?lang=pt>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 34, p. 126–135, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/BxLcY5gJFkgTZRnL4kXxYFH/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PEW RESEARCH CENTER. **Religious composition by country, 2010-2050**, 2015. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/interactives/religious-composition-by-country-2010-2050/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PIZA, Eric L.; CONNEALY, Nathan T.; SYTSMA, Victoria A.; CHILLAR, Vijay F. Situational factors and police use of force across micro-time intervals: A video systematic social observation and panel regression analysis. **Criminology**, v. 61, n. 1, p. 74–102, 2023. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1745-9125.12323>. Acesso em: 7 mar. 2024.

RATTET, Shelley L.; BURSIK, Krisanne. Investigating the personality correlates of paranormal belief and precognitive experience. **Personality and Individual Differences**, v. 31, n. 3, p. 433–444, 2001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0191886900001483>. Acesso em: 7 mar. 2024.

RENSINK, Ronald A.; KUHN, Gustav. A framework for using magic to study the mind. **Frontiers in Psychology**, v. 5, p. 1-14, 2015. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2014.01508/full>. Acesso em: 7 mar. 2024.

SANTOS, Ricardo Assarice; MARTINS, Leonardo Breno. Hibridismo e cultura pop: alienígenas como ícones religiosos em contextos ayahuasqueiros e não ayahuasqueiros. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 3, p. 183-198, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/51888>. Acesso em: 7 mar. 2024.

SLONE, Jason. **Theological incorrectness: why religious people believe what they shouldn't**. New York: Oxford University Press, 2008.

SUBBOTSKY, Eugene. Children's and adults' reactions to magical and ordinary suggestion: Are suggestibility and magical thinking psychologically close relatives? **British Journal of Psychology**, v. 98, n. 4, p. 547–574, 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17931466/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

TOBACYK, Jerome J. A Revised Paranormal Belief Scale. **International Journal of Transpersonal Studies**, v. 23, n. 1, p. 94–98, 2004. Disponível em: <https://digitalcommons.ciis.edu/ijts-transpersonalstudies/vol23/iss1/11/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

TOMPKINS, Matthew L.; WOODS, Andy T.; AIMOLA DAVIES, Anne M. The Phantom Vanish Magic Trick: Investigating the Disappearance of a Non-existent Object in a Dynamic Scene. **Frontiers in Psychology**, v. 7, p.1-15, 2016. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2016.00950/full>. Acesso em: 7 mar. 2024.

WILLIAMS, Emyr; FRANCIS, Leslie J.; ROBBINS, Mandy. Personality and Paranormal Belief: A Study Among Adolescents. **Pastoral Psychology**, v. 56, n. 1, p. 9–14, 2007. Disponível em: https://wrap.warwick.ac.uk/2942/1/WRAP_Williams_0675009-ie-160310-personality_and_paranormal.pdf. Acesso em: 7 mar. 2024.

WILSON, Krissy; FRENCH, Christopher C. Magic and memory: using conjuring to explore the effects of suggestion, social influence, and paranormal belief on eyewitness testimony for an ostensibly paranormal event. **Frontiers in Psychology**, v. 5, p. 1-9, 2014. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2014.01289/full>. Acesso em: 7 mar. 2024.

WISEMAN, Richard; GREENING, Emma. It's still bending: Verbal suggestion and alleged psychokinetic ability. **British Journal of Psychology**, v. 96, n. 1, p. 115–127, 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15826327/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

Recebido em: 23-06-2023

Aprovado em: 22-12-2023